

## **A realidade era outra**

*Mareio Damasceno*

*Passados 20 anos desde que o Muro de Berlim foi abaixo, um em cada sete alemães gostaria que seu país fosse de novo dividido ao meio idéia que, embora utópica, reflete a permanência de problemas deixados pelos tempos de "socialismo real".*

Quando começaram a demolir o Muro de Berlim, pedaço a pedaço, no princípio de novembro de 1989, a multidão de alemães vindos dos dois lados do país, dividido pelos comunistas 28 anos antes, derrubava um símbolo de opressão e intolerância. Mais que isso, caía um sistema econômico, na Alemanha dita Democrática e na União Soviética em desmantelamento, que se provara incapaz de trazer para a realidade promessas de bem-estar de um socialismo "ideal" em franco descrédito num outro Leste, o Europeu em seu todo, antes domínio do comunismo sacudido pela perestroika e pela glasnost de Mikhail Gorbatchov.

O Muro foi posto abaixo a partir do Leste, onde a República Democrática Alemã (RDA), satélite soviético, era a contraparte de uma Alemanha Ocidental próspera e efetivamente democrática. A insatisfação popular, de um lado, e o exemplo de uma opção possível, de outro, juntaram-se para, a partir daquele momento, fazer o desenho definitivo de uma nova geografia mundial, política e econômica. A pulverização da União Soviética, a fragmentação da Iugoslávia, a ruptura da Tchecoslováquia, o colapso dos sistemas socialistas europeus e o desaparecimento de seus regimes unipartidários, a erosão do Pacto de Varsóvia e mesmo o conjunto de 27 países que hoje compõem a União Européia, entre outras novidades no tabuleiro político internacional, são conseqüências da nova ordem que se delineou com os primeiros buracos abertos no Muro por berlinenses em festa.

No Leste Europeu, seguiram-se à queda do Muro crises de consolidação e de identidade, afirma o historiador Michel Gehler, professor da Universidade de Hildesheim. "A democratização acelerada não bastou para substituir imediatamente os hábitos desenvolvidos durante o socialismo, para superar de uma hora para outra as mentalidades criadas naquele sistema e garantir legitimação para as novas instituições criadas e o equilíbrio, como imaginava o Ocidente triunfante", explica.

As economias do Leste tiveram que partir do zero. Foi preciso "começar do porão, com aumento do desemprego onde havia emprego pleno, mesmo que somente no papel", diz o economista Wolfram Schrettl, diretor do departamento de economia do Instituto para o Leste Europeu da Universidade Livre de Berlim. "Houve depois uma melhoria significativa, mas a distribuição de renda ainda é bastante desigual na maioria daqueles países." Da mesma forma, mantém-se grande distância entre o que cabe da renda nacional a cada alemão e aos habitantes de países do Leste.

O desnível ainda presente entre os dois lados da Alemanha mostra como é difícil deixar para trás 40 anos de socialismo e de isolamento. Isso, apesar de décadas de investimentos massivos. Segundo as últimas estimativas, a reunificação teria custado aos alemães cerca de €1,6 trilhão. Para o economista Karl-Heinz Paqué, professor de economia da Universidade de Magdeburg, a reunificação teve seus méritos, mas as expectativas de então não poderiam mesmo ser alcançadas. Como ele afirma em livro recente, os alemães conseguiram superar a maior parte dos problemas da reunificação, mas se iludiram ao esperar que o Leste do país se tornaria da noite para o dia uma espécie de segunda Alemanha Ocidental. Sua conclusão é de que o entusiasmo que varreu o país foi ingênuo e os desafios, muito maiores do que se pensou na época.

No livro "Die Bilanz. Eine wirtschaftliche Analyse der Deutschen Einheit" (O balanço - uma análise da unificação alemã, em tradução livre), Paqué admite que a região da extinta Alemanha Oriental ainda apresenta índices inferiores aos do resto do país. Contudo, No entanto, quando feita a comparação com outros ex-integrantes do bloco comunista, vê-se que os alemães do Leste vivem em uma boa situação. A República Tcheca e a Hungria, por exemplo, exibem desempenho econômico correspondente a cerca de metade dos níveis

alemães orientais. Enquanto o Leste alemão registra 78% do nível ocidental de produtividade no trabalho, a República Tcheca apenas chega perto de 30%.

O setor oriental da Alemanha aparentemente foi o menos atingido pela crise financeira recente. O motivo, de acordo com especialistas, está na existência, ali, de um maior número de empresas de pequeno e médio portes, pouco dependentes de exportações. Além disso, os países do Leste apresentaram desenvolvimento sensível em campos como infraestrutura, microtecnologia, tecnologia de energia solar e de produtos orgânicos.

"Houve enorme avanços em produtividade e competitividade", afirmou o presidente do Instituto Alemão para Pesquisa Econômica, Klaus F. Zimmermann. "Temos de considerar que houve completo desmonte da indústria da República Democrática Alemã, que hoje também apresenta competitividade e consegue gerar um crescimento respeitável", observa.

Passados 20 anos, os ex-comunistas voltam a embaralhar as cartas do jogo político na Alemanha. "Em 1989, seria inimaginável que pudéssemos chegar onde estamos neste momento", comemora Gregor Gisy, líder do partido A Esquerda no Parlamento alemão, poucos minutos depois da divulgação das primeiras projeções de resultados das eleições legislativas no mês passado que deram um segundo mandato de chanceler a Angela Merkel, líder da coalização conservadora, que cresceu e estudou no antigo lado comunista. O partido de Gisy foi formado em 2007, após fusão entre dissidentes dos social-democratas do SPD, descontentes com a política do então chanceler Gerhard Schröder, e os ex-comunistas do PDS estes, sempre tidos como os descendentes legítimos do partido único da extinta RDA. Hoje, a legenda, de forte apelo populista, se diz a "lâmina mais afiada da oposição". Enquanto nas eleições de 2002 ganhara apenas duas cadeiras, agora consegue votos suficientes para enviar 76 deputados ao plenário federal e se tornar a quarta força no Legislativo alemão.

"O Leste [da Alemanha] tende a votar em partidos que reivindicam um maior papel do Estado", explica o cientista político Eckhard Jesse, professor da cadeira de sistemas políticos da Universidade Técnica de Chemnitz, cidade do lado oriental. "E esses eleitores não se importam com o fato de que muitos integrantes da esquerda sejam oriundos dos velhos círculos do SED ou da Stasi", diz, referindo-se respectivamente ao partido único e à polícia secreta da Alemanha comunista.

A Alemanha Oriental deixou de existir, mas não sumiu do mapa. A silhueta do país dividido aparece com clareza em alguns mapas eleitorais. Na ilustração sobre a cota nacional de votos para o partido A Esquerda divulgada pelo governo alemão, por exemplo, o perfil do país extinto no século passado reaparece claramente. Os limites das regiões onde mais de 20% dos cidadãos deram seus votos aos ex-comunistas cobre quase a totalidade da área da antiga RDA.

O engenheiro aposentado Werner Lempfuhl, de 67 anos, foi votar, apesar de também se incluir entre os ex-cidadãos da RDA que hoje se sentem estrangeiros no próprio país. Ele foi membro ativo de um grupo da igreja luterana integrante dos movimentos civis que levantaram a voz para clamar por democracia e contribuíram, assim, para a derrocada da ditadura alemã oriental. Lutou pelo fim do regime e hoje é um desiludido com o país em que vive. "Que democracia é essa, em que o desemprego cresce, os benefícios sociais são cortados a cada dia, em que o que mais vale é o egoísmo?", questiona.

Quem ouve como ele fala pode ter a impressão de que, se pudesse voltar no tempo, pensaria duas vezes antes de tentar derrubar o sistema socialista. "Lutávamos por uma democracia e por uma reunificação em que os dois sistemas fossem reunificados paulatinamente, em um processo em que ambos os países tivessem o mesmo poder de voz. Não foi o que aconteceu. O que houve foi uma espécie de anexação da Alemanha Oriental pela Alemanha Ocidental", diz. As transformações de 20 anos atrás também mexeram profundamente em sua vida pessoal. Sua mulher perdeu o emprego de enfermeira, ele teve que enfrentar reformulações no trabalho. "Passei, da noite para o dia, a ser responsável por um time de 40 pessoas, quando antes dirigia uma equipe de menos de dez integrantes", lembra. Além disso, poucas

semanas depois da queda do Muro, recebeu a visita inesperada de herdeiros dos antigos donos da casa em que morava. O imóvel pertencia a pessoas que deixaram o país durante a Segunda Guerra Mundial. Como consequência, foi obrigado a pagar pela segunda vez uma casa que já era dele.

"Os alemães ocidentais nos chamavam de 'nossos queridos irmãos', diziam que gostariam de nos ajudar e tal. Mal o muro caiu e onde está esse carinho, esse respeito que eles diziam ter pelo povo do outro lado?" pergunta. "Nesse meio tempo, se transformou em indiferença e até animosidade", diz Lempfuhl.

A frustração com o sistema e o sentimento de ser um cidadão de segunda categoria no próprio país ainda permanece forte em parte da população do Leste. Pesquisa realizada pelo instituto de opinião Usuma para a Universidade de Leipzig revelou que quase dois terços dos alemães orientais estão descontentes com a democracia, enquanto somente 35,4% dos ocidentais fizeram a mesma declaração. Além disso, mais de 60% dos alemães orientais acreditam que muitos alemães ocidentais os tratam como cidadãos de segunda classe.

O psicanalista Günter Jerouschek, da Universidade Friedrich; Schiller, de Jena, afirma, porém, que os ocidentais têm mais reservas em relação aos alemães orientais do que o contrário. "Os alemães ocidentais ainda têm, na minha opinião, fortes bloqueios com relação aos orientais", diz, sentimento que também se faz perceber nas gerações mais novas.

Como indício, ele cita a resistência de muitos ocidentais a irem estudar em universidades no Leste alemão, embora lá as condições nas instituições de ensino superior sejam, em boa parte, melhores do que a de faculdades alemãs ocidentais. Jerouschek atribui esse preconceito à autoconfiança dos alemães ocidentais, que vem desde a época da Segunda Guerra e seria, segundo o psicanalista, transmitida de pai para filho. "Os alemães ocidentais interiorizaram sua suposta posição privilegiada durante décadas", afirma.

O resultado de uma sondagem parece corroborar a tese de Jarouschek. Realizada pelo instituto de opinião Forsa, a pesquisa indica que mais alemães ocidentais do que orientais gostariam de ver o país dividido novamente. De acordo com a enquete, 16% dos wessis, como são chamados popularmente os ocidentais, e 10% dos ossis, os orientais, afirmaram querer o Muro de volta. Em média, um a cada sete alemães gostaria de ter a cortina de ferro levantada novamente.

---

## **O encontro entre os dois povos ainda precisa acontecer**

*Daniela Chiaretti*

Era uma quinta-feira. O jornalista Riccardo Ehrmann, da agência de notícias italiana Ansa, fez a pergunta: quando aquelas medidas mais flexíveis sobre viagens dos alemães orientais entrariam em vigor? Günter Schabowski, membro do Politbüro, a mais alta instância de poder do partido do governo da República Democrática Alemã, a RDA, foi pego de surpresa. Deu uma gaguejada e respondeu: "Ah, agora. Imediatamente". Eram 18h53. A entrevista coletiva para a imprensa internacional, transmitida ao vivo pela W da Alemanha Oriental, terminou minutos depois. A agência de notícias AP mandou um flash: "A RDA abre a fronteira". A novidade espalhou-se instantaneamente, milhares de pessoas correram para os postos de fronteira e os guardas, treinados para atirar se alguém quisesse fugir, não sabiam o que fazer com tanta gente pedindo para sair. À 1 hora de 10 de novembro de 1989, centenas de alemães escalaram o Muro de Berlim na Porta de Brandemburgo. O resto da história todo mundo conhece.

Até hoje se acredita que não foi algo intencional. As novas regras só anunciariam que os alemães orientais poderiam solicitar um visto e viajar ao exterior. Mas aqueles eram dias turbulentos no Leste Europeu. Em julho começou um movimento maciço de migração

milhares de cidadãos da RDA se abrigavam em consulados de Praga e Budapeste. O governo húngaro passou a permitir que refugiados viajassem para a Alemanha Ocidental.

Em 7 de outubro, nas comemorações dos 40 anos da RDA, Erich Honecker, dirigente da Alemanha Oriental, encontrou-se com Mikhail Gorbachov. O russo teria dito ao alemão que o único jeito de controlar a escapada em massa seria uma política alemã de abertura nos moldes da perestroika. Honecker respondeu com uma provocação: "Sua população está suficientemente abastecida de comida, pão e manteiga?", conta o escritor Frederic Taylor no livro "Muro de Berlim — Um Mundo Dividido". A relação entre os dois líderes, que já não era lá essas coisas, teria se deteriorado ainda mais. Honecker caiu 11 dias depois.

O pano de fundo desses dias eram imensas passeatas em Berlim e Leipzig. Em 4 de novembro um evento surpreendente ocupou o coração de Berlim Leste, a mítica Alexanderplatz. Um milhão de pessoas foi às ruas. E, mesmo com essa dinâmica e ânimos nessa temperatura, ninguém imaginava que o Muro de Berlim seria demolido em questão de horas.

"Schabowski quis divulgar que haveria mais liberdade para as pessoas da Alemanha Oriental viajarem e nunca dizer 'o Muro caiu'", pondera Thomas Fatheuer, secretário-executivo da Fundação Heinrich Boell no Brasil, ligada ao movimento verde alemão. Naquela quinta-feira de 20 anos atrás, ele estava em uma reunião na redação do "LAI", uma publicação sobre a América Latina. A redação da revista ficava em um prédio a 300 metros do Muro, em Kreuzberg, o bairro mais alternativo de Berlim Ocidental naqueles tempos. "Durante a reunião alguém ligou e contou que o Muro tinha caído", afirma. "Achamos que era bobagem e continuamos. Esqueci o caso e fui para casa. Quando liguei a W..."

Fatheuer lembra-se bem do comportamento inseguro dos guardas de fronteira que, atrapalhados, paravam uns e liberavam outros. "Foi estranho ver o primeiro 'trabi' nas ruas do bairro", conta. "Trabi" é o apelido carinhoso para o Trabant, carro típico da Alemanha Oriental, feito de plástico e com formato quadrado como o de brinquedo. Nos dias que se seguiram, muitos Trabants tomaram Berlim Ocidental. Hoje alguns ainda são vistos pela cidade, transformados em atração turística. Miniaturas são vendidas como souvenirs (ao lado de pedaços "originais" do Muro), nas cores da época: bege, verde claro e azul-calcinha.

Enquanto o Muro caía a golpes de picareta, a Alemanha Ocidental, como gesto de boas-vindas, dava a cada alemão oriental 100 DM (marcos alemães) na primeira visita ao "lado de cá". As pessoas compravam o que podiam: duas camisetas, um frasco de perfume, discos de vinil, ingressos para shows de rock. "As filas nos bancos eram impressionantes", lembra a advogada argentina Viviana Lazzeroni, que viveu 12 anos em Berlim Ocidental, antes e depois da queda do Muro. Na rede de supermercados Aldi, a mais popular da cidade, era impossível entrar naquele inverno de 1989.

Com Muro, Berlim (qualquer uma das duas) era uma cidade interessante, única e esquisita. Nos primeiros dias sem Muro, virou um lugar excitante, meio sem identidade, confuso. "Conseguíamos reconhecer os alemães orientais que vinham comprar no nosso bairro pelos casacos de má qualidade, sapatos e bolsas meio cafonas", diz Viviana.

Nico Geide, côsul para assuntos políticos e de imprensa do consulado alemão em São Paulo, tinha apenas 9 anos quando o Muro caiu. Ele nasceu alemão oriental. Vivia em Quedlinburg, a 30 quilômetros da fronteira. Ali não havia Muro, mas uma cerca supervigiada, campos minados e aparelhos que atiravam ao identificar qualquer movimento. Os mapas, Geide descobriu depois, indicavam um traçado falso da linha divisória entre as duas Alemanhas.

"Meu avô desenhava mapas. Sempre adorei atlas e estas coisas e imagino como deve ter sido difícil para a minha mãe ter que explicar a uma criança que ela não podia ir para onde quisesse. Lembro-me bem de ela me dizer: 'Não, para lá não pode ir'."

Geide não tem recordações da noite da queda do Muro, devia estar dormindo. Mas lembra-se bem da vida antes e depois. As pessoas viam uma fila e entravam nela, sem nem saber o que se oferecia. Frutas tropicais não havia, o café era caríssimo. O aparelho de TV da família, branco e preto, tinha quatro canais. Pela proximidade com a Alemanha Federal, o menino conseguia assistir a "Vila Sésamo". Seu pai via escondido (porque era proibido) os jogos de tênis de Boris Becker. Na escola, Geide aprendia russo. Circulava no "trabi" amarelo da família um desses podia levar dez anos para chegar e não se podia escolher a cor. Um dia, o avô bateu o carro. O pai conseguiu repintá-lo, de azul a sorte foi que o pai tinha amigos na atividade e conseguiu pintar o carro todo. O normal teria sido o "trabi" ter permanecido amarelo e aparecer azul só na parte batida.

Sua trajetória familiar tem marcas dessa história dividida. Uma tia de Geide formou-se dentista e resolveu ir de férias à Bulgária. A mãe a levou ao aeroporto. A moça não disse nada: levava um passaporte falsificado. Fugiu para a Áustria e de lá para Hamburgo. A Stasi, a polícia secreta da Alemanha Oriental, foi investigar. Geide suspeita que a partir dali cartas e telefonemas da avó tenham sido rastreados. Passaram-se anos antes que a família se reencontrasse.

Quando o Muro caiu, a mãe de Geide deixou o emprego e foi trabalhar numa empresa de seguros. O pai abriu uma empresa de fretes e locação de carros. Foi a sorte. Na pequena Quedlinburg o desemprego chegou a 25% nos anos 90. A cidade seguiu a trilha da ex-Alemanha Oriental, que diminuiu em número de habitantes. Eram 30 mil antes de novembro de 1989; hoje são 21 mil moradores.

Os novos carros foram a primeira coisa a chegar ao vilarejo. As aulas aos sábados foram logo abandonadas porque as famílias pediam dispensa para ir conhecer o Oeste. A família de Geide não fez diferente: pegou o carro, os 100 marcos de direito para cada um e gasolina suficiente para a ida e a volta ("Não queríamos gastar nossos marcos com gasolina") e partiram. Compraram roupas e um abacaxi. "A minha conversa com os colegas na escola era assim: o que você acha da união monetária? E só tínhamos 9 anos! Mas era emocionante, sentíamos que tudo tinha mudado."

Em outros lugares do Leste Europeu a mudança foi mais dramática. Na história da Romênia, por exemplo, 22 de dezembro de 1989 é o divisor de águas. É quando eclode a revolução contra o ditador Nicolau Ceausescu. "Era um período horrível, de crise econômica, de luta para conseguir leite, carne, vegetais, as coisas mais básicas. Eletricidade só tínhamos durante algumas horas por dia. O tempo passava diferente, não havia muito o que fazer", diz a jornalista Madalina Schiopu, puxando pela memória as cenas de seu mundo aos 13 anos. "Não se sabia nunca com quem se estava falando, mesmo na vida privada as pessoas não confiavam umas nas outras."

A vida mudou no Natal, quando Ceausescu e a mulher foram executados. "Para os mais velhos é mais difícil. A nova sociedade é muito competitiva. Muita gente foi viver em um mundo novo para o qual não estava preparada", analisa Madalina. "Não há nada daquele tempo de que eu tenha saudade. É como uma nova era agora, e fico agradecida que tenha acontecido durante a minha vida. É como ganhar dignidade de novo. É a experiência de descobrir a liberdade."

Nos arquivos da Stasi trabalham mais de mil pessoas. Com a montanha de trabalho que têm pela frente, precisarão de 300 anos para fazer o levantamento de todos os arquivos, estima-se. Alguns elos ainda não se uniram mesmo depois de 20 anos. Estudos recentes do Banco Europeu para Reconstrução e Desenvolvimento apontam que apenas 30% da população do Leste diz que vive hoje melhor do que nos tempos do comunismo. E 77% dos alemães "orientais" afirmam que têm um padrão de vida inferior ao dos "ocidentais". "O processo do encontro dos povos foi bastante lento", registra Fatheuer. "Acho que até hoje não foi concluído."

---

## **Nossos muros caíram**

*Renato Janine Ribeiro*

Vinte anos atrás, caía o Muro de Berlim. Na feliz expressão do filósofo Ernildo Stein, proliferaram então os "órfãos de utopia", isto é, gente da esquerda ou marxista que sentiu uma profunda melancolia com o fim, não do muro em particular, mas do projeto comunista na Europa Oriental e na própria União Soviética. "O meu muro caiu", poderiam eles dizer.

O capitalismo pós-thatcherista estava bem municiado para recolher o fruto que caiu com o muro. Havia pelo menos 15 anos que um pensamento econômico e político desafiava, com crescente êxito, a economia e a política agonizantes do comunismo. Por isso, quando ruíram as ditaduras comunistas, o "neoliberalismo" apareceu como a grande alternativa.

O comunismo selara seu destino desde a destruição da Primavera de Praga, em 1968. Aquela foi a última chance de devolver aos projetos de Karl Marx um "rosto humano", como queriam os reformistas tchecoslovacos. Teria sido difícil para os ortodoxos. Seguramente teria sido restaurada, em dimensão que ignoramos, a propriedade privada. Mas talvez não fosse reintroduzida a propriedade privada dos grandes meios de produção. Estaria aberta uma temporada de experiências sem roteiro prévio. Talvez se tivesse integrado o melhor do socialismo o empenho social, a preocupação com a cultura e o esporte com o melhor das democracias, que é a própria democracia.

Nada seria fácil, mas a história do mundo teria sido mais rica. Sobretudo: não haveria teoria que precedesse a prática, a imaginação no poder, a criação, o risco. Nem o marxismo nem o liberalismo seriam capazes de apontar caminhos; estes se teriam aberto na prática, na maior experiência de ensaio-e-erro que o século XX poderia ter vivido.

Com a invasão da Tchecoslováquia e a longuíssima agonia do comunismo sob Leonid Brejnev, terminaram desaparecendo o comunismo, a União Soviética, a própria Tchecoslováquia e a Iugoslávia. Três Estados plurinacionais da Europa Oriental, que existiam antes mesmo do comunismo (a URSS com o nome de Rússia, mas incluindo muito mais que a Rússia), se dissolveram, isso enquanto a Europa Ocidental fortalecia sua união. Foi triste o epitáfio do comunismo no fundo, o epitáfio de um regime que se suicidou, mas, com isso, arrastou para o túmulo algumas possibilidades boas.

Não havia por que uma esquerda autêntica deplorar a queda de ditaduras. No entanto, o marxismo e o comunismo marcaram tanto o mundo que a esquerda ficou, para muita gente, associada a eles. As social-democracias européias, que se aliaram aos Estados Unidos na Guerra Fria, eram vistas, por vários, como esquerdas com desconto. Disso resultou a orfandade de que fala Ernildo Stein. Mesmo não comunistas criaram uma filiação póstuma, sentindo-se alguns deles como órfãos de quem nunca foi seu pai. O problema é que, com isso tudo, a esquerda não definiu um rumo, que só poderia ter sido democrático, para valer a pena, e precisaria ceder (mas quanto?) ao capitalismo.

No ano passado caiu outro muro. Para retomar uma expressão freqüente na França do entre guerras, foi o "mur d'argent", o muro de dinheiro. O espantoso é que, desta vez, ninguém estava preparado para colher os frutos dessa nova queda. A direita e o capital conseguiram triunfar, com a queda do comunismo, em 1989. Mas em 2008, com a exceção da pequena Islândia, a crise não levou nenhum país para a esquerda.

Por que a esquerda não se preparou, nestes 20 anos, para uma nova proposta? Em 1979 três maoístas franceses — Claudie e Jacques Broyelle, mais Evelyne Tschirhart, que tinham ido para a China e se decepcionaram, publicaram um belo livro, "Deuxième Retour de Chine". Quando lhes perguntaram se não temiam estar fazendo uma crítica "de direita" ao maoísmo, responderam: "O que pode estar à direita do maoísmo? Estar à direita dele é pedir mais massacres ainda, mais fome, mais intolerância?"

Para eles, "esquerda" era algo positivo. Acredito que para a maior parte da esquerda assim fosse ou assim seja. Então, por que a perestroika que Mikhail Gorbatchov iniciou há um quarto de século não gerou um período fértil em idéias progressistas, como foi a Primavera de Praga?

Se a razão disso foi o comunismo estar engessado, por que a esquerda não comunista não se preparou? A pergunta é particularmente relevante no Brasil. Enquanto os Partidos Comunistas ainda eram o principal referencial da esquerda no mundo, criava-se em nosso país o que talvez seja o mais importante partido de esquerda não comunista de nosso tempo. Mas o PT, nem na oposição nem no poder, definiu o que seria socialismo democrático. Um arremate de sua falta de audácia está numa das medidas que, no governo, ele tomou para estancar a crise: facilitar a compra de carros, com o seu efeito perverso sobre a sociedade e o ambiente.

Por que a esquerda não colheu os frutos da queda do muro financeiro? É difícil responder. Ela ficou reduzida a políticas defensivas. A força do marxismo estava em ter um projeto para a sociedade como um todo. Mas, como esse projeto na sua versão "realmente existente" prendeu as energias sociais numa camisa de força, foi derrotado por outro projeto abrangente, que alguns chamam de neoliberal, mas é mais complexo e rico do que esse nome.

Já a esquerda não conseguiu articular suas vertentes. O que seria, hoje, uma economia de esquerda? Como se ligaria a projetos culturais, sociais, esportivos, políticos mesmo? Não é fortuito que parte significativa do tempo dos que hoje se dizem de esquerda se consuma em denúncias e críticas. Não é casual que certos movimentos sindicais usem a linguagem de esquerda já sem ideal de esquerda. Tivesse ela construído projetos, o mundo seria, hoje, diferente.

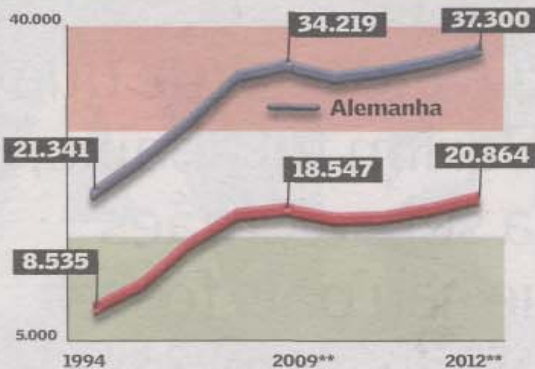
Com isso, estamos numa situação curiosa. Quem gerou a crise está sendo reconduzido para geri-la. Em outras ocasiões, calamidades desse porte levariam a sociedade a despedir os líderes que debilitaram os controles e permitiram a destruição. Nem sempre foi fácil. Mas, seja como for, isso hoje não se vislumbra.



### A Alemanha e os outros

PIB por habitante - Dólares correntes\*

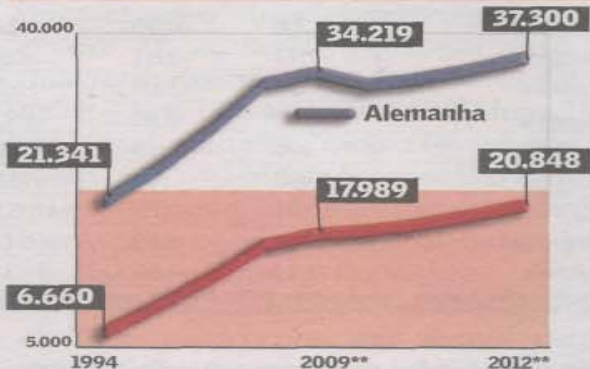
#### Hungria



### A Alemanha e os outros

PIB por habitante - Dólares correntes\*

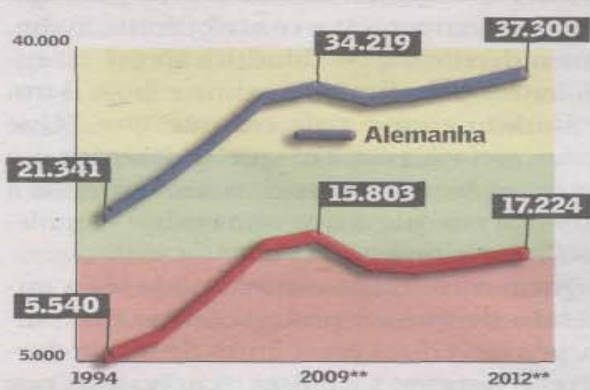
#### Polônia



#### Estônia



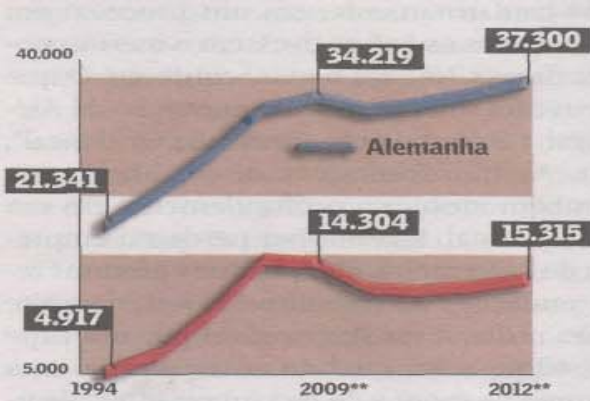
#### Lituânia



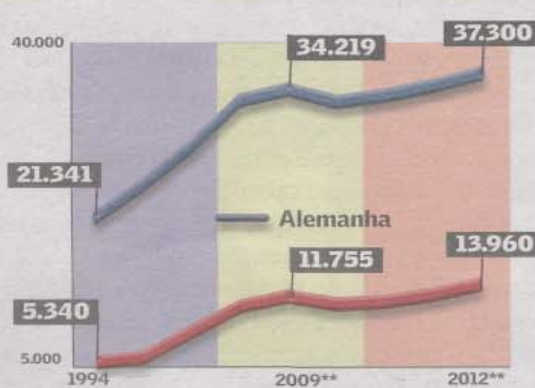
#### Bulgária



#### Letônia



#### Romênia



#### Albânia



\* Pela paridade do poder de compra \*\* Estimativa  
Fonte: FMI - World Economic Outlook, outubro 2009

\* Pela paridade do poder de compra \*\* Estimativa  
Fonte: FMI - World Economic Outlook, outubro 2009



<b>Produto interno bruto</b>							
Variação anual em %*							
Países selecionados	1985	1989	1994	2007	2008	2009***	2010***
Alemanha**	2,2	3,91	2,62	2,51	1,24	-5,29	0,33
Bulgária	1,8	-0,50	-3,66	6,16	6,01	-6,50	-2,50
Estônia	n/d	n/d	-1,64	7,20	-3,57	-14,01	-2,57
Hungria	-0,25	-0,73	2,94	1,21	0,61	-6,73	-0,87
Letônia	n/d	n/d	2,20	9,98	-4,58	-18,0	-3,97
Lituânia	n/d	n/d	-9,76	8,92	3,01	-18,50	4,0
Polônia	3,86	3,81	5,23	6,78	4,88	0,97	2,18
Romênia	-0,10	-5,80	3,93	6,20	7,10	-8,45	0,49
Albânia	-1,5	9,8	9,40	6,25	6,768***	0,70	2,20

Fonte: FMI - World Economic Outlook, outubro 2009 \* Preços constantes \*\* Até 1990, apenas Alemanha Ocidental \*\*\* Estimativa

<b>Produto interno bruto</b>							
US\$ bilhões*							
Países selecionados	1985	1989	1994	2007	2008	2009***	2010***
Alemanha**	1.035,5	1.309,0	1.740,1	2.822,2	2.918,4	2.806,9	2.859,0
Bulgária	50,8	64,4	46,8	86,5	93,7	89,0	88,1
Estônia	n/d	n/d	8,6	28,0	27,6	24,1	23,8
Hungria	75,9	91,1	88,3	191,1	196,4	186,0	187,2
Letônia	n/d	n/d	12,9	39,8	38,8	32,3	31,5
Lituânia	n/d	n/d	20,8	60,5	63,7	52,7	51,4
Polônia	180,5	231,4	257,0	624,0	668,5	685,5	711,3
Romênia	122,7	134,0	121,8	247,5	270,7	251,7	256,8
Albânia	7,0	9,0	7,5	20,0	21,8***	22,3	23,2

Fonte: FMI - World Economic Outlook, outubro 2009 \* Preços constantes \*\* Até 1990, apenas Alemanha Ocidental \*\*\* Estimativa

<b>Balanco de conta corrente</b>							
% do PIB							
Países selecionados	1985	1989	1994	2007	2008	2009**	2010**
Alemanha*	2,6	4,55	-1,41	7,52	6,40	2,91	3,61
Bulgária	-0,49	-1,64	-0,40	-25,18	-25,46	-11,37	-8,32
Estônia	n/d	n/d	-6,80	-17,80	-9,32	1,94	1,95
Hungria	-2,20	-2,01	-9,76	-6,52	-8,40	-2,95	-3,27
Letônia	n/d	n/d	-3,56	-21,63	-12,64	4,50	6,36
Lituânia	n/d	n/d	-3,82	14,63	-11,57	1,0	0,49
Polônia	-10,27	-1,83	5,28	-4,72	-5,47	-2,23	-3,10
Romênia	2,89	4,68	-1,71	-13,52	-12,43	-5,46	-5,61
Albânia	-1,23	-2,85	-3,93	-9,14	-14,06**	-11,52	-7,98

Fonte: FMI - World Economic Outlook, outubro 2009 \* Até 1990, apenas Alemanha Ocidental \*\* Estimativa

DAMASCENO, Mareio; CHIARETTI, Daniela; RIBEIRO, Renato Janine. A realidade era outra. **Eu & fim de semana**, São Paulo, ano 10, n. 471, p. 18-25, 23, 24 e 25 out. 2009.